

LITERATURA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: PRESENTE!

Lícia Maria Freire Beltrão *

Mary de Andrade Arapiraca **

RESUMO

O ensaio, inspirado nas considerações de Iser sobre representações, “um como se” bem ao gosto da escrita literária, escopo de sua discussão, partilha as experiências, concepções e práticas constitutivas da formação de professoras em exercício, que elegeu, entre outros artefatos, a linguagem, as artes, as letras e as tecnologias como fios que teceram os diálogos em torno das aprendizagens e dos ensinamentos. Nele, se reconhece a questão da literatura e do ensino como uma relação mais polêmica que pacífica, e mostra-se como a leitura literária levou professoras a descobrir autores e passar a incluir a literatura como realce das suas práticas pedagógicas. As escritas advindas dos diversos gêneros literários foram o alicerce para construção do memorial de formação, atividade inerente ao curso.

Palavras-chave: Literatura. Formação de professores. Projeto Salvador. Leitura.

ABSTRACT

LITERATURE AND TEACHER TRAINING: PRESENT!!!

This paper, based on Iser's representations, a “how to” according to the literary writing, that he discusses, shares experiences, ideas and constitutive practices of teacher training of teachers in service, which elected, among other artifacts, the language, the arts and the technologies as threads that have woven the dialogues around learning and teaching. It recognizes the issue of literature and teaching as a relationship that is more controversial than peaceful, and it shows how literary reading led teachers to discover authors and now to include literature as enhancement of their teaching practices. The writings from various literary genres were the foundation for building the memorial of the training course, activity inherent to the course.

Keywords: Literature. Teacher training. Salvador Project. Reading.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Adjunto IV da Faculdade de Educação (FACED/UFBA). Membro do grupo de pesquisa GELING. Endereço para correspondência: Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do Canela. CEP: 40110-100. Salvador-Bahia. liciabeltrao@ufba.br

** Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Associada IV da Faculdade de Educação (FACED/UFBA). Membro do grupo de pesquisa GELING. Endereço para correspondência: Av. Reitor Miguel Calmon, s/n, Vale do Canela. CEP: 40110-100. Salvador-Bahia. marya@ufba.br

Anúncios e contratos

O Programa de Formação Continuada de Professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2002, 2003) nasceu sob os cuidados de muitos. E sob os cuidados de muitos vem crescendo. Entre os muitos que dele cuidou no seu instante inaugural e que dele vem cuidando, no seu crescimento, se incluem professoras, professores, estudantes da graduação em Pedagogia e da Pós-Graduação – Mestrado/Doutorado que constituem, entre outros grupos de pesquisa, o Formação em Exercício de Professores (FEP), coordenado pela Professora Maria Inez de Carvalho, e o de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem (GELING), coordenado pela Professora Dinéa Maria Sobral Muniz.

Não por uma visão impressionista, mas por fatos, compreendemos que, no curso dos seus fazeres, quando em questão está a formação dos nossos colegas e a nossa, conseqüentemente, os grupos de pesquisa FEP e GELING se aproximam e se afinam, quando elegem, entre outros artefatos, a linguagem, as artes, as letras e as tecnologias como os fios com que se tecem os diálogos em torno das aprendizagens e dos ensinamentos que envolvem cognição e afeto, razão e coração, portanto.

Nessa perspectiva, partilhamos, neste ensaio, concepções, experiências e práticas reveladoras da opção do GELING, nas atividades constitutivas dos cursos de formação continuada de professores, de afetar os colegas cursistas com a linguagem, materializada em letras que representam a primeira das tecnologias humanas, a escrita, transfigurada na arte, cunhada, historicamente como arte verbal, como Literatura. Para representar os cursos, escolhemos o Projeto Salvador – Licenciatura em Pedagogia para Séries Iniciais do Ensino Fundamental, para Professores em Exercício no Município de Salvador, e para tratar da opção pela Literatura, tomamos como base a pergunta que nos é cara e, particularmente, a Wanderley (2011), em torno da Literatura e do ensino: para que a Literatura? Tomamos ainda os registros de aulas feitos no percurso da realização do curso que acolheu duas turmas: a primeira, no período de 2004 a 2007, e a segunda, de 2006 a 2009, e, intencionalmente, recortamos

seqüências de aulas referentes ao componente curricular *Estudos Literários*, propostos para a segunda turma, ressaltando procedimentos realizados e sua relação com demandas dos professores cursistas, vinculadas à escrita do memorial formação, atividade inerente ao curso, e que ia sendo realizada a partir das construções processadas durante as atividades e componentes do ciclo de estudos, como um *continuum*, compondo o que na sua organização curricular se definiu como “Atividade Curricular de Registro e Produção”.

Na perspectiva de fortalecimento do debate que os registros suscitaram, trazemos para o texto, conformado segundo Brandão (2001) como uma arena de vozes, aqueles com quem o diálogo vem se tornando fundamental para abonação de ideias e para ratificação de nossa filiação aos que têm o campo da linguagem e da Literatura como objeto de estudo. Nesse sentido, as ideias de Brandão (2001) são também valorosas, já que, apoiada na contribuição da Análise de Discurso de linha francesa, leia-se Michel Pêcheux e Dominique Maingueneau, a autora acolhe a ideia da reflexão sobre a linguagem nos entremeios, aceitando o desconforto de a reflexão não se ajeitar nas evidências, no lugar já-feito e, sem desconsiderar os princípios bakhtinianos, dimensiona a relação entre produção de leitura e produção escrita de texto como trabalho de interlocução, levando em conta o seu aspecto dialógico na qual o sujeito, como ser da linguagem, é um sujeito social, histórico e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro, que constrói sua identidade na relação dinâmica com a alteridade e para quem o texto é o espaço de interação.

Com relação ao modo de organização do ensaio, assumimos fazer um fingimento, um “como se...”, tomando como inspiração as considerações de Iser (2002), relativas ao conceito de jogo sobre as representações, quando em questão está a inter-relação autor-texto-leitor, concebidas como uma dinâmica que há de conduzir a um resultado final, guardadas as devidas proporções, já que o escopo de sua discussão é o texto literário, no que o potencial ficcional o singulariza. Nesse sentido, do ponto de vista da escrita, consideramos nossos diálogos, pesquisas e experiências docentes, de modo que nossas vozes fossem lidas nesta unidade textual,

sem que perdessem o tom que nos singulariza. Do ponto de vista de leitoras do nosso próprio texto, consideramo-nos leitoras que gostariam de fracionar o texto, lendo-o por motes, com fins de reflexões desaceleradas. Em vista disso, assim procedemos na tessitura dos seus fios: iniciamos por esses que configuram a abertura e que visam fazer anúncios e dar ao leitor uma visão sincrética de nossas intenções; prosseguimos com os fios que tecem mais dois motes: a nossa opção pela Literatura no âmbito da Pedagogia; a experiência de leitura da obra *Por parte de pai* (QUEIRÓS, 1995), do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós, como uma ilustração das muitas aulas já realizadas. Nossas reflexões conclusivas, seguidas das referências que apoiaram a escrita do ensaio, a esses motes se somam.

Expressamos desejo de que leituras proveitosas configurem gestos e ações curiosos e que seja compreendida a intenção de privilegiarmos mais as considerações em torno da presença da Literatura no processo formativo de professoras e menos o debate em torno dos processos formativos, assunto mais corrente na literatura acadêmica.

E vamos aos motes!

Literatura: uma aposta otimista

A nossa compreensão de que a relação entre Literatura e Pedagogia vem se mantendo mais polêmica do que pacífica não nos tem impedido de colher concepções em torno da escrita literária entre aqueles que nos convencem sobre sua condição de multivocidade, de plurissignificação, de polifonia, de polissemia e de continuarmos apostando nela, nos processos educativos diversos que se integram às nossas demandas da docência e da pesquisa, com ressonâncias daquela aposta empreendida por Lajolo (1998), na leitura, como prática social.

Se por um lado, muito da aposta devemos às assinalações de Roland Barthes (1996), ao dar a essa arte o estatuto de disciplina comparável a um monumento que abriga saberes de todas as ciências, aos resultados de pesquisas que nos chegam ratificando o vigor da literatura como referência na superação de pedagogias conservadoras, caso bem ilustrado na obra *Literatura: saberes em*

movimento (PAIVA et al., 2007), organizada pelos pesquisadores Aparecida Paiva, Aracy Martins, Graça Paulino, Hércules Corrêa e Zélia Versiani, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), e pelas pesquisas desenvolvidas no GELING, exemplificadas por: *Salvador Lê: Observatório de Leitura; Literatura e ensino: professores e poetas na construção de saberes*, Regina Gramacho (2013); *A Emília que mora em cada um de nós: a constituição do professor-contador de histórias*, Luciane Souza Santos (2013); *A Formação do Professor e a Literatura: a terceira margem*, Auxiliadora Wanderley (2011), *Quem tem medo do lobo mau? Um estudo sobre a produção imaginária da criança e sua relação com a aprendizagem*, Leila da Franca Soares (2007), por outro, devemos a opção à presença invariável da criança nos programas de formação, já que seus professores, nossos professores – cursistas – atuam nas classes de Educação Infantil e nas dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Nossa inspiração, portanto, também é a criança, sujeito que protagoniza todas as cenas que compõem o cotidiano escolar, tempo-espço de ação e formação de professor. Assim, sua voz, seus enunciados, seu modo de existir e de fazer existências, sem perder de vista processos de mutação, impulsos que a fazem mentora intelectual de acontecimentos na sua condição de nosso outro, na perspectiva bakhtiniana, tudo que dela vem é acolhido, é concebido, é motivo, repetimos, de nossa inspiração e tudo que dela vem conspira para que engendremos metodologias em torno da linguagem, no caso, a verbal, e dos objetos que a ela se interligam: oralidade, leitura, escrita e aspectos linguísticos.

Ao tomarmos a criança, nosso outro fundamental, reconhecemos com o poeta Manoel de Barros (2009) que cada criança, na sua singularidade, traz consigo em potência a capacidade de fazer o verbo delirar, mudando sua função, provocando outros sentidos, como a que traduz esse poeta, sensivelmente, no poema *Uma Didática da Invenção*: a criança escuta a cor dos passarinhos, não o seu som, a propósito do gorjeio que lhes é peculiar (BARROS, 1993), como ainda trazemos, considerando a literatura como referência fundamental, o que com o mesmo poeta Barros (2013, p. 51) aprendemos a dizer: “O olho vê. A lembrança revê. A imaginação

transvê”, expressões colhidas no *Livro sobre nada*.

Com matizes menos poéticas, reconhecemos predisposição da criança para se integrar ao mundo, indagando sua essência e existência, mesmo que, muitas vezes, o mundo lhe seja dado como pronto, como acabado, momento em que somos impelidas a lembrar da importância de se tratar com sensibilidade e, assim reconhecer que, a cada vez, a cada instante que uma criança se integra ao mundo, ele se renova, ele se amplia, ele se transforma, ele se recria, ele se reinaugura, ele se reedita, pela linguagem, de matriz verbal, visual, sonora e corporal. Por reconhecermos isso é que, querendo nos proteger do risco da essencialização a que a Pedagogia, às vezes, se torna refém, aproveitamos a incomensurabilidade de que trata Serpa (2004), quando aborda a conotação plural do conhecimento e da existência de pensamentos que são incomensuráveis entre si, perguntando se não nos seria possível escrever, reescrever, anotar, rascunhar, esboçar, contrapor, animar palavras da criança e sobre a criança que com ela se compatibilizem na sua condição inteligente, criativa e sensível de ser, e, usando palavras de Perrone-Moisés (1996), ao comentar as experiências lexicais feitas por Barthes em *Aula*, perguntar se não seria possível remergulhar a palavra criança em uma fonte de saberes e fazeres comprometidos com sua condição histórico-cultural-afetiva, para devolvê-la à Pedagogia rejuvenescida, rica de sentidos e parentescos perdidos, esquecidos, apagados, enfim considerada pelo fluxo de outra semântica. Isso significa, ainda nos prevalecendo das ideias de Perrone-Moisés (1996), perguntar se seria possível escrever palavras que desmontem os discursos prescritivos, endurecidos, áridos, às vezes, perversos sobre a criança do ponto de vista pedagógico, se não nos seria possível escrever palavras que, generosamente, “limpem o terreno” para que se possa abrir caminhos na perspectiva de outras atualizações, sobremodo em tempos em que desafios se ampliam com mutações e rupturas geradas no mundo digital.

E, por reconhecermos que somente na companhia de crianças seríamos capazes de acentuar e atenuar essas questões, construindo algumas saídas possíveis, como a de nos educarmos com elas, orientadas por sua voz, é que elegemos a Literatura, constituída por escritores diversos – nacionais e estrangeiros –, como espaço de possibilidades de engendramos, no jogo discursivo com os pro-

fessores, outro fluxo verbal pela via da conotação, por ser cenário em que, contemporaneamente, crianças instigantes, curiosas, corajosas, medrosas, mas simplesmente crianças habitam, por ser linguagem da representação, por ser linguagem imagística, e por ser a que, como nenhuma outra, tem o poder de concretizar o abstrato (e também o indizível), através de comparações, imagens símbolos, alegorias (COELHO, 2000) e, com intensa algazarra, complementamos. Reconhecer a criança do mundo ficcional, como sujeito de referência, sobretudo aquela que se move no texto e fala, representando perfis culturais bastante nítidos, conforme salienta Khéde (1986) e a literatura, como espaço da possibilidade, é assumir construir pedagogias pela via da conotação, valorando a metáfora, assegurando a disseminação de sentidos e não, exclusivamente, pedagogias que denotem definição, informações e classificações em torno dos objetos em estudo.

Na tentativa de tornar mais evidentes nossas escolhas, convidamos algumas crianças que são nossas cúmplices de sempre para que, ao modo do uni-du-ni-tê, brinquem conosco, exercendo esse direito que, a um só tempo, lhes é próprio e inerente, e colaborem na exposição de algumas das vantagens de tê-las conosco, provocando diálogos nas atividades de formação continuada.

Assim, se quisermos que a nossa memória seja ativada, torçamos pela presença de Guilherme Augusto Araújo Fernandes, amigo da Sra. Antônia Maria Diniz Cordeiro, criação de Mem Fox; se quisermos que a educação pela mão paterna seja contemplada, torçamos por Diego, filho de Santiago Kovadloff, criação de Eduardo Galeano, que diante da beleza de conhecer o mundo, ampliando sua esfera de conhecimento, emudeceu de emoção; se quisermos que travessuras sejam mostradas e a sadia convivência seja festejada, torçamos pela escolha da turma do Catapimba, especialmente encenando *O piquenique do Catapimba*, criação de Ruth Rocha; se quisermos a linguagem metafórica da criança, estranhada pela mãe e reconhecida como uma atitude estética que traduz beleza e sensibilidade, torçamos pelo menino Paulo, protagonista de Drummond em *A incapacidade de ser verdadeiro*; se quisermos, a um só tempo, apreciar a alegria da vida no campo, o

gosto de ficar na rede, vendo a vida passar, e mais, o comprometimento quase em vão de uma menina que continua numa verdadeira cruzada em defesa da língua portuguesa, mesmo atenta ao argumento da Sociolinguística, o canto de músicas sertanejas, com destaque para o repertório de Luiz Gonzaga, torçamos pela *Turma do Xaxado*, desenhada por Antônio Cedraz; se quisermos que a curiosidade seja premiada, torçamos pela Glorinha, a menina que não economiza interrogações, perguntando sobre tudo a todos, criação de Fernanda Lopes de Almeida, assim como Clara Luz, a fada que tinha ideias e que reconhecia, sempre, muitos horizontes, para além dos que supomos haver.

Se até então contamos com a colaboração de crianças do mundo ficcional, considerando as histórias em que habitam, para fazermos a exposição de vantagens de tê-las conosco, provocando diálogos nas atividades de formação, contamos, agora, na conclusão deste mote, com a colaboração de Leahy (1999) que, ao reafirmar a literatura como parte dos currículos escolares, chama atenção para o seu caráter trilateral, por assim se compor: arte – palavra – sociedade, e sobre sua penetração no ambiente da escola, com caráter disciplinar. A esse respeito, nos diz:

[...] O uso da literatura é essencial no processo de educar sujeitos sociais, por se tratar de um assunto composto da combinação assimétrica de estudos lingüísticos, culturais e sociais. Cada mudança de ápice deste triângulo indica uma mudança de ênfase em alguma característica cultural, política e pedagógica de um grupo social. Considerando seu caráter interdisciplinar, a educação literária é uma disciplina que cruza fronteiras e esse é justamente seu papel principal na criação de uma consciência e de um saber político-social. Para melhor ou para pior (adverte). (LEAHY, 1999, p. 92).

Na expectativa de que seja para melhor, tomamos a compreensão expressa por Gramacho (2013), no debate empreendido na pesquisa *Literatura e ensino: professores e poetas na construção de saberes*, quando, apoiada em Lauand (2006, p. 7), conclui que “Literatura e Educação não são realidades que se excluem” (GRAMACHO, 2013, p. 45), como ainda que, se o papel da educação, em última análise, é despertar a admiração, a sensibilidade para o *mirandum*, princípio da sabedoria,

professores e poetas não de se ajudar mutuamente. Esses, expressando suas intuições nas palavras, aqueles, procurando estruturar o saber e realizar as necessárias sínteses. Esse paralelo de Gramacho nos impele a convocar *A Extraordinária Aventura vivida por Vladímir Maiakóvski no Verão na Datcha*, antológica poesia do poeta russo que nomeia o texto e que, ao apresentar um diálogo entre o poeta e o sol, assim se encerra:

Vamos, poeta,

cantar, luzir
no lixo cinza do universo.
Eu verterei o meu sol
e você o seu
com seus versos.

[...] Gente é pra brilhar
que tudo o mais vá pra o inferno,
este é o meu slogan
e o do sol.

(MAIAKÓVSKI, 1997, p. 87-90).

Por parte de pai: um encontro com Bartô

Com a expectativa de transfigurarmos a ementa¹ do componente curricular Estudos Literários em práticas que revelassem o texto literário, como um dos textos de importância nos processos formativos do professor, no caso, das Professoras participantes da segunda turma do Projeto Salvador, por uma das vias possíveis: a produção de sentidos (ORLANDI, 1986), considerando-se conteúdo, forma e o gênero de literatura memórias, compreendido tipicamente como narrativas, baseadas em fatos reais e ou fictícios, que se singularizam por “contar” lembranças, foi iniciado o curso, em espaço-tempo marcado pelas quartas-feiras de dez semanas do semestre letivo 2009.1.

Com a colaboração de Lobato, e renovando a ideia de Maria Antônia Ramos Coutinho² (1992)

1 Aprofundamento dos aspectos literários relacionados ao campo educacional, à prática pedagógica e a questões de interesse do professor. Discussão e análise das possibilidades de construção de práticas educativas / pedagógicas e do conhecimento através das diferentes linguagens trabalhadas nas atividades do eixo articulador: Linguagem e Educação

2 Professora e pesquisadora da Literatura Infantil na UNEB e também escritora.

de tomar *A Onça Doente* (LOBATO, 1970) como metáfora para tratar de concepções de leitura e de leitores, conseqüentemente, lemos a fábula – da personagem protagonista ao enredo, das ações da comadre Irara às do finório Jabuti – que orientou e introduziu o primeiro dos estudos: leitura, concepções, atitudes leitoras, atendendo a um requisito do curso que tomava a leitura como uma prática inerente a todas as práticas – importante ponto de ancoragem que produziu atos de leitura individual e compartilhada com os colegas de curso e de trabalho. Esta produção também esteve fincada nos próprios textos e com seus autores, na perspectiva de pensar e sentir, criticamente, as questões fundamentais da humanidade. Desta forma, o movimento pedagógico que compreendeu “[...] a leitura, a partir deste olhar, desenvolveu políticas culturais capazes de disponibilizar livros a mancha e de criar espaços e tempos para leituras que sejam feitas como experiência [...]” (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2003, p. 9). Nesta perspectiva, as professoras moveram-se em direção aos livros e a diferentes suportes textuais, nos quais se encontravam, para empenharem-se e situarem-se neles com proficiência.

Entre acordos e desacordos, e com a sugestão colhida de Orlandi (1993, p. 11-12) de que “ler é compreender que o sentido pode ser outro”, apresentamos o mote para o qual convergiriam as experiências leitoras propostas para o curso: **memórias**. E o acervo de livros que tem a memória no seu fluxo verbal disse “presente!” em todas as situações apropriadas. Assim é que das memórias da menina Raquel de Queiroz, passando pela Infância do menino Drummond, aportamos em acervo mais farto de livros que também traduziam memórias: *Meu avô Apolinário*, Daniel Munduruku; *Indez*, Bartolomeu Campos de Queirós; *Anarquista Graças a Deus*, Zélia Gattai; *Minhas Memórias de Lobato contadas por Emília*, Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa, Luciana Sandroni; *Memórias de Emília*, Monteiro Lobato; *O menino e seu amigo*, Ziraldo; *O poeta aprendiz*, Vinícius de Moraes; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis.

Desse que consideramos “acervo mais farto”, cuja escolha se tornara livre, guiada exclusivamente por critérios subjetivos, e que possibilitou a leitura

de vozes femininas e masculinas, de vozes que vêm de um passado remoto e do mundo contemporâneo, chegamos ao livro comum a todas as leitoras e eixo articulador, pela via intertextual, de todos os demais títulos escolhidos: *Por parte de pai*³. Escrito que revela a rica infância de um menino sensível e engenhoso, guardada na memória e no coração, *Por parte de pai* nos faz compreender vidas simples de personagens comuns que habitam uma cidade do interior, entre as quais se destacam a de um neto encantado e a de um avô encantador que, com letra bonita, registrava o cotidiano vivido nas paredes de sua casa, enfeitando-a. Todos os acontecimentos, anotava: quem adoecia, quem morria, quem visitava a família, os assuntos conversados... As histórias, próprias para leitores de maior estatura, escritas no alto das paredes, evitavam o acesso do neto-menino que, gradativamente, ia compreendendo a dinâmica da família, da cidade, do mundo; o valor do amor mútuo, do silêncio e da palavra. E, com palavras poéticas, o mundo das emoções e da razão ia sendo tecido e, imaginariamente, ilustrado com uma profusão de imagens, sem que houvesse, a priori, definição do leitor a quem a obra estava destinada, como se quisesse dizer que a obra de arte não pode ter a faixa etária como limite.

E de que escritor seria a obra? A isso respondemos com intenção voltada para reflexão sobre o gênero biografia⁴ que, sem perder a função de informar sobre a vida, no caso restrito a de escritores, pode ser retextualizado na perspectiva da modulação da forma e do conteúdo de maneira a se tornar mais próximo de textos da esfera literária. E com procedimentos próprios de leitura-jogral, alternando vozes e alterando ritmo e entonação, lemos o que em parceria com Regina Campana⁵

3 O livro em questão recebeu premiações como: Altamente Recomendável, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil- FNLIJ; Hors Concours FNLIJ; Prêmio Orígenes Lessa. Além disso, foi obra selecionada para o Projeto Cantinho de Leitura, para o Programa Nacional Salas de Leitura Bibliotecas Escolares – FAE; para compor o acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), em 2011. A obra já foi publicada no México, com o título *Por parte de pa*, pelo Fondo de Cultura Economico, em 1998.

4 A escrita de biografias com fios que sejam mais típicos da linguagem literária tem sido experiência plausível de Regina Campana, contadora de histórias, com quem partilhamos o projeto Educando pela Literatura e muitas das seqüências de aulas do componente curricular em questão: Estudos Literários.

5 Durante o curso de formação, contamos com a colaboração sempre qualificada de Regina Campana, contadora de história, quer na construção de acervos, quer na elaboração de textos, quer na escolha

escrevemos:

Baú
 Batô
 Bar
 Bom Bartô mineiro. 1944
 Nasceu e viveu sua infância em Papagaio,
 Cidade pequena com gosto de ‘laranja serra d’água’
 Sua juventude e maturidade em Belo Horizonte
 Onde vive até hoje.
 Aro
 Ar
 Bar
 Bartô mineiro viajante. Atento às cores, cheiros,
 Sabores e sentidos.
 Ar
 Arte
 Ato
 Bartô apreciador da arte e da literatura.
 Professor, poeta e intelectual humanista,
 Atento a seu tempo e à força da palavra.
 Reto
 Réu
 Rumo
 Bom Bartô escritor. 1974
 Seu primeiro livro, escrito em Paris, é publicado.
 O peixe e o pássaro. Escrito em pleno exílio político.
 ‘...nasceu meu primeiro texto. O peixe e o pássaro
 com a intenção única de acariciar-me. Era amparar-
 me em meu próprio colo. Assim o peso de Paris
 tornou-se carregável.’
 Meu
 Teu
 Bartô autor de peças teatrais
 Textos sobre arte e educação,
 Livros de literatura infantil, juvenil
 (para todas as idades)
 Bolo
 Bato
 Boto
 Bartô, poeta brinca com as palavras.
 Inventa e reinventa ‘Raul é luar’
 Mário, fusão de mar e rio.
 Estudioso dos problemas filosóficos e estéticos.
 Defensor da arte no processo educativo.
 Moto
 Mato
 Rum
 Rumo às obras de Bartô: O peixe e o pássaro, Pedro,
 Mário, Raul, Onde tem bruxa tem fada, As patas da
 vaca, Ah mar! Cavaleiros das sete Luas, Correspon-

de estratégias que aproximassem os professores cursistas da leitura literária.

dência, Indez, Escrituras, De não em não...
 Olé! Bartô – Bartolomeu Campos de Queirós!
 (CAMPANA; BELTRÃO, 2009)⁶

Para produção de conhecimentos prévios à leitura integral do livro, desafiamos as Professoras: um quebra-cabeça deveria ser montado! Com as peças, que encaixadas compunham a capa do livro, prosseguimos. Que sabiam as Professoras cursistas sobre aquela obra de Bartolomeu? Sobre a obra, como realidade, as Professoras silenciaram. Sobre a obra, como possibilidade, as Professoras fizeram previsões. A fotomontagem usada na composição da capa em sépia, forjando o efeito do tempo e se mostrando envelhecida, foi ponto de ancoragem para que as Professoras nos falassem de álbum, lembranças, recordações, memórias de família, memórias de menino, do menino Bartô, talvez.

Nessa perspectiva, a de ler, considerando a possibilidade, tradução do ler como ato polissêmico, gerativo, sugeriu que devolvêssemos os gestos leitores das Professoras, com palavras tomadas de Bartolomeu Queirós (2012), quando, refletindo sobre texto e leitor diz que ambos ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas interações. Esse abraço a partir do texto é soma das diferenças, movida pela emoção, estabelecendo um encontro fraterno e possível entre leitor e escritor. Na sua compreensão, cabe ao escritor estirar sua fantasia para, assim, o leitor projetar seus sonhos. E ampliando a concepção ainda diz mais: que as **palavras são portas e janelas**. Se nos debruçarmos e repararmos, nos inscrevemos na paisagem. Se destrancarmos as portas, o enredo do universo nos visita. E concluindo, propõe a síntese:

Ler é somar-se ao mundo, é encantar-se com as diferenças, **é iluminar-se** com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se. **Cada palavra descortina um horizonte**, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida. (QUEIRÓS, 2012, p. 61).

Por compreendermos que as Professoras, naquela circunstância, estavam “se somando” ao mundo de Bartolomeu e utilizando seu passaporte, seu

⁶ Poema ainda não publicado pelas autoras Regina Campana e Lícia Beltrão.

bilhete de partida, prosseguimos. Antes, porém, conferir se o que diziam revelava coerência se fazia necessário.

Consultar a quarta capa, ou contracapa do livro, pouco lida, nada admirada e muitas vezes desprestigiada, apesar de sua função tanto informativa como persuasiva, passou a ser estratégia fundamental. Constatada a coerência das leituras de textos, ainda que os textos da capa e da quarta capa fossem absolutamente díspares em termos da matriz de linguagem, avançamos. Dessa vez, para que compreendessem o escritor, do ponto de vista do acervo até então construído. Para tanto, criamos um cenário no qual livros, ou melhor, “passaportes”, “bilhetes de partida” se abriam generosos e se entregavam aos olhos curiosos das leitoras: *O peixe e o pássaro, De letra em letra, Diário de Classe, O guarda-chuva do guarda, O pato paca-to, Ciganos, Indez, Minerações, Onde tem bruxa tem fada, Mário, Pedro, Coração não toma sol, Apontamentos, Faça afiada, Até passarinho passa, Correspondência, Flora, Estória em três atos...* Contudo, para compreender a história amorosa em que um avô reina e um neto se encanta, bem como os registros informativos, curiosos e poéticos de um tempo que somente a palavra literária nos faz retomar, era preciso ler. Ler e mergulhar nas memórias para que, puxados os fios, numa tentativa de desmontagem do texto tecido, se conhecesse, se apreciasse a história, se apreciasse a história de um avô “e sua maneira de não deixar as palavras se perderem”.

[...] Apreciava meu avô e sua maneira de não deixar as palavras se perderem. Sua letra no meio da noite, era a única presença viva, acordada comigo. Cada sílaba, um carinho, um capricho penetrando pelos olhos até o passado. Meu avô pregava todas as palavras na parede, com lápis quadrado de carpinteiro, sem separar as mentiras das verdades. Tudo era possível para ele e suas letras. Não ser filho de meu pai, era perder o meu avô. O pesar estava aí. E se isso estivesse escrito no teto, em alguma parte bem alta da casa onde eu só pudesse ler depois de grande? Eu sabia os poderes do Pai, o silêncio do Filho, sem conhecer o Espírito Santo. (QUEIRÓS, 1995, p. 18-19).

E as palavras não se perderam: a rua, a morada, a família, a vizinhança, a escola, a vida... Conhe-

cendo e apreciando a rua, a morada, a família, a vizinhança, a escola, a vida..., as Professoras construíram tranças de leitura, produzindo cartas, contos, cantos e, sobretudo, incluindo a Literatura como objeto de realce nas suas práticas, como se pode ler e apreciar nos excertos⁷ que seguem expostos, extraídos do memorial⁸ que configurou a conclusão de sua formação inicial no curso de Pedagogia:

Professores e professoras que levam a poesia para a sala de aula bem sabem que despertarão o prazer da leitura e escrita em seus alunos. [...] A poesia invade a alma! Na sala de aula, dá evasão a sentimentos recônditos que talvez não fosse a poesia jamais viesse à tona. (PROFESSORA GÉRBERA, 2009, p. 30).

Os estudos literários levam o indivíduo a apreciar, perceber emoções e sentir esse gosto prazeroso pela leitura. (PROFESSORA VIOLETA, 2009, p. 15).

No meio do caminho, me alegrei com Vinicius, Pessoa, com Drummond, com Cora e Castro Alves... Mas foi Cecília que afagou meu coração, dando-me a chance de recitar a sua canção de amor perfeito. Nunca me esquecerei de que antes de formar alunos leitores, eu preciso gostar de ler... (PROFESSORA DÁLIA, 2009, p. 42).

Entre dias da semana, pensando-os a minha maneira houve dias importantes foram as segundas, terças, quartas, quintas e sextas-feiras. Nesses dias convivi com poetas, escritores, livros, poemas, poesias, histórias [...] e lá estava Ziraldo que me contou que A Bela Borboleta estava livre cada vez que o livro era aberto [...] conversei com Charles Perrault, descobri Elisa Lucinda e sua estreias. (PROFESSORA ORQUÍDEA, 2009, p. 38).

*E assim continuo viajando... fui à Bienal do Livro pela primeira vez! Mas não ficou só nisso! As professoras me deram oportunidade de conhecer Bartolomeu Campos de Queirós. Com a leitura de seu livro *Por parte de pai*, no qual é contada a história da sua infância na casa de seus avós, onde a escrita estava sempre presente, através dos registros do seu avô nas paredes. Lá ele cresceu, as paredes da casa foi o seu primeiro livro. E assim como Bartolomeu brincava pelas calçadas da rua da paciência e pro-*

7 As professoras do curso, de quem colhemos os escritos memoriais, são referidas com nomes de flores.

8 Memorial de 2009 do Programa de Formação Continuada de Professores: Projeto Salvador, Bahia (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2003).

curava além dos olhos, eu procuro fazer com que meus alunos busquem, através da leitura, um novo olhar sobre a educação. (PROFESSORA MARGARIDA, 2009, p. 25).

Nesse caminho conheci também Cecília Meireles, Bartolomeu Campos Queirós, Eva Furnari, Olavo Bilac, Ziraldo Rosana Murray, Roger Melo, Elias José, Ana Maria Machado. Nesse caminho de poetas encontrei a chave que precisava para conhecer a literatura. Todos esses e mais alguns que, com certeza, perdi no meio do Caminho. Como educadora levo eles para que com eles os meus aprendizes possam também viajar na fantasia e voar nas asas da imaginação. (PROFESSORA ROSA, 2009, p. 52-53).

Assim, acolheram Bartô e a Literatura, na sua memória, no seu coração e cremos que, ainda hoje, celebram aquele encontro feliz com escritores e poetas. Com Bartolomeu, o escritor que considerou a memória, como o grande patrimônio que temos e que guarda a vida vivida e a vida sonhada. Vida que encontra o diálogo na Literatura, no texto que dá a palavra ao leitor e o convida a se dizer com ele e diante dele. Quem leu os memoriais não teve dúvidas disso. Neles encontrou estilo, encontrou os espaços em que subjetividades foram exercidas e o diálogo com a voz de Bartô menino-escritor-professor, que no encontro, pela palavra, fundou mundos bem como muitos outros. Esse encontro que Albuquerque, Serpa e Arapiraca (2010, p. 57) consideraram ter sido “ampliação do olhar ou a transgressão ao habitual, próprio da literatura” foi também reconhecido como alimento para que as professoras cursistas se dispusessem a experimentar as diversas possibilidades que a língua dispõe para que ideias se materializem em escritas.

Literatura e Educação: desfazendo nós e fazendo laços

Quando iniciamos este ensaio, intencionalmente, tomamos a questão da Literatura e do ensino mais como relação polêmica do que pacífica. E com essa compreensão o concluímos. No mínimo seria leviano de nossa parte considerar que concepção assumida e experiências realizadas por nosso grupo de pesquisa e de nossos pares responderão por esse debate que está na esteira do tempo. No entanto, por acompanharmos cenas dos processos educativos,

assumidas e narradas pelas Professoras egressas dos Cursos de Formação, podemos fazer anúncios de que a Literatura, sem adjetivos restritivos, afetou sua vida, sua docência.

Cremos que mais do que conjecturar “pilares metodológicos do educar”, importa configurar graus crescentes de liberdade interior para que o indivíduo passe a lidar com o saber e com a trama que imprime às suas relações, se apropriando daquilo que se mostra verdadeiro em seu ser. Possibilitar a atualização de existência a cada um pode ser uma ferramenta preciosa na busca de uma educação de qualidade. O que significa dizer que, assim como cada um de nós, as Professoras não estão prontas, fechadas em seu saber e fazer. Evidentemente, influenciam e são influenciadas pelo tempo e pelo espaço que as circundam.

A apropriação da singularidade requer um espaço fluido e desenraizado traduzido, tantas vezes, na tópica do deslocamento, na perda de referências fixas e, sobretudo, na estratégia crítica. Algumas docentes, embora expressem um querer pertencer ao universo literário, contraditoriamente se mantêm dele afastado, muitas vezes, fechadas em certezas que não são próprias do mundo ficcional. Se não entram no jogo, se não se dispõem à Literatura, decerto não irão usufruir de tudo quanto o incommensurável mundo literário guarda em si.

A propósito, se você não se inclui nessa referência indefinida, consideramos justo que saiba: temos intenções de que as práticas desenvolvidas, em território tão restrito, nossas salas de aula, continuem a ser disseminadas. Se você gosta do filho da Dona Zizinha e do Sr. Geraldo, certamente gostará de abrir suas Maletas, sobretudo se receber uma carta como esta:

Faz-de-Conta, 25º dia do terceiro mês do ano de 200inove

Caras Professoras:

Meu amigo, o Canguru, é uma dupla fabulação simultânea e independente: a narrativa memorialista do texto e a narrativa visual dos desenhos que mostram, em diferentes situações, o “amigo canguru” e seus filhotes. “Honestamente, [...] não sei se ele é delicado”, “não sei se é violento”, “se gosta de um bate-papo (parece ser caladão)”, “se gosta de rock’n roll”, “ou prefere um violão”... Sei que um dia falei,

pra mamãe, sem querer causar intriga: “Que bom se você tivesse uma bolsa na barriga!” Se o resultado foi bom, não vou aqui adiantar. Se vocês quiserem saber, é só ler, vir e reler... Depois, então, será que daria pra contar a história do Gugu, esse amigo tão

querido que amo pra chuchu?
O Menino Maluquinho e a Menina Nina agradecem.

Ziraldo

Acertamos?

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ana Paula Trindade de; SERPA, Luiz Felipe Santos Perret; ARAPIRACA, Mary de Andrade. Formação do educador: reflexões e práticas a partir de sabores, saberes e memórias. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Memoriais: literatura e práticas culturais d eleitura**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 45-64.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução e Posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- _____. **Livro sobre nada**. São Paulo: LeYa, 2013. (Coleção Biblioteca Manoel de Barros).
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Análise do discurso: leitura e produção textual. In: SANTANA, João Antonio (Org.). **Discursos e análises: coletânea de trabalhos**. Salvador: UCSAL, 2001. p. 11-22.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- COUTINHO, Maria Antônia Ramos. Variação sobre tema: literatura infantil e formação do leitor. **Revista da FAEBA**, Salvador, ano 1, n. 1, p. 7-17, jan./jun. 1992.
- GRAMACHO, Regina Lúcia de Araújo. **Literatura e ensino: professores e poetas na construção de saberes**. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1986.
- ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 105-118.
- LAJOLO, Marisa. Apostando na leitura. In: INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto**. São Paulo: Scipione, 1998. p. 62-63.
- LEAHY, Cyana. Leitura no final do século XIX: um caso de controle pedagógico. In: LYONS, Martyn; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. p. 89-113.
- LOBATO, Monteiro. **Obra infantil completa em 4 volumes**. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- LAUAND, Jean. Prefácio. In: PERISSÉ, Gabriel. **Literatura & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 7-8.
- MAIAKÓVSKI, Vladímir. A extraordinária aventura vivida por Vladímir Maiakóvski no verão na Datcha. In: MAIAKÓVSKI, Vladímir. **Poemas**. 6 ed. Tradução de Boris Schnaiderman; Augusto de Campos; Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva. 1997. p. 87-90. (Coleção Signos, nº 10).
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Pontes, 1986.
- _____. **Discurso & leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.
- PAIVA, Aparecida. et al. (Org.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Posfácio à Aula. In: BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 51-89.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Por parte de pai**. Belo Horizonte: RHJ, 1995.
- _____. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- SANTOS, Luciene Souza. **A Emilia que mora em cada um de nós: a constituição do professor-contador de histórias**. 2013. 225 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SERPA, Luiz Felipe Perret. **Rascunho digital**: diálogos com Felipe. Salvador: EDUFBA, 2004.

SOARES, Leila da Franca. Quem tem medo do lobo mau? Um estudo sobre a produção imaginária da criança e sua relação com a aprendizagem. 2007. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Faculdade de Educação. **Programa de Formação Continuada de Professores para o Município de Irecê**. Salvador, 2002. Disponível em: <<http://twiki.dcc.ufba.br>>. Acesso em: 10 set. 2013.

_____. **Programa de Formação Continuada de Professores**: Projeto Salvador, BA. Salvador, 2003. Disponível em: <<http://twiki.dcc.ufba.br>>. Acesso em: 10 set. 2013.

WANDERLEY, Maria Auxiliadora Cerqueira. **A formação do professor e a Literatura**: a terceira margem. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

Recebido em: 07.01.2014

Aprovado em: 28.03.2014